

As Consequências Psicológicas da Tentativa de Apagamento Social da Bissexualidade: um relato de pesquisa

Las Consecuencias Psicológicas del Intento de Borrar Socialmente la Bisexualidad: un informe de investigación

The Psychological Consequences of the Attempt to Socially Erase Bisexuality: a research report

Ana Vitória Moreira de Souza

Eloísa Amorim de Barros

Paulo Henrique Pargas Santos

Yan Walter Pena

Resumo: Este estudo objetivou conhecer as consequências psicológicas causadas pelo patriarcado na tentativa de apagamento social da bissexualidade. Na pesquisa, aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade do Estado do Pará (UEPA), participaram 69 pessoas, dentre elas, homens/mulheres cisgêneros e transgêneros, e não-binários, bissexuais, na faixa-etária de 18 a 60 anos, residentes em uma cidade do Oeste do Pará. Os participantes responderam um questionário, e, para a análise dos dados, utilizou-se a análise de conteúdo de Bardin, através da pré-análise, exploração do material, seleção de conteúdo e interligação dos dados com o referencial teórico. Nos resultados, foram apontados que termos, como binarismo e heterossexualidade compulsória, formam conceitos que atravessam a percepção dos participantes ao pensarem a orientação bissexual nos seus cotidianos. E demonstra a saúde mental e social das pessoas bissexuais sendo atravessada pelas consequências das normas de gêneros. Conclui-se que a tentativa de destituição da bissexualidade está interligada com as margens do patriarcado.

Palavras Chave: Patriarcado. Bissexualidade. Apagamento. Psicológico.

Resumen: Este estudio tuvo como objetivo conocer las consecuencias psicológicas provocadas por el patriarcado en el intento de borrar socialmente la bisexualidad. En la investigación, aprobada por el Comité de Ética de la Universidad del Estado de Pará (UEPA), participaron 69 personas, entre ellas, hombres/mujeres cisgénero y transgénero, y no binarios, bisexuales, con edades entre 18 y 60 años, residentes en una ciudad del oeste de Pará. Los participantes respondieron un cuestionario, y para el análisis de datos se utilizó el análisis de contenido de Bardin, a través del preanálisis, exploración de materiales, selección de contenidos e integración de datos con el marco teórico. En los resultados, se señaló que términos, como binarismo y heterosexualidad obligatoria, forman conceptos que atraviesan la percepción de los participantes al pensar la orientación bisexual en su cotidiano. Y demuestra que la salud mental y social de las personas bisexuales está siendo atravesada por las consecuencias de las normas de género. Se concluye que el intento de deponer la bisexualidad se entrelaza con los márgenes del patriarcado.

Palabras Claves: Patriarcado. Bisexualidad. Anulación. Psicológico.

Abstract: This study aimed to know the psychological consequences caused by patriarchy in the attempt to socially erase bisexuality. In the research, approved by the Ethics Committee of the University of the State of Pará (UEPA), 69 people participated, among them, cisgender and transgender men/women, and non-binary, bisexual, aged between 18 and 60 years, residents in a city in western Pará. Participants answered a questionnaire, and for data analysis, Bardin's content analysis was used, through pre-analysis, material exploration, content selection and data integration with the theoretical framework. In the results, it was pointed out that terms, such as binarism and compulsory heterosexuality, form concepts that cross the participants' perception when thinking about bisexual orientation in their daily lives. And it demonstrates the mental and social health of bisexual people being crossed by the consequences of gender norms. It is concluded that the attempt to depose bisexuality is intertwined with the margins of patriarchy.

Key-words: Patriarchy. Bisexuality. Annulment. Psychological.

Ana Vitória Moreira de Souza – Psicóloga, graduada pelo Instituto Esperança de Ensino Superior (IESPES).
E-mail: psi.anavitoria8@gmail.com

Eloísa Amorim de Barros – Psicóloga, professora do Instituto Esperança de Ensino Superior (IESPES).
E-mail: eamorimdebarros@gmail.com

Paulo Henrique Pargas Santos – Psicólogo, graduado pelo Instituto Esperança de Ensino Superior (IESPES).
E-mail: paulohen123@hotmail.com

Yan Walter Pena – Psicólogo, graduado pelo Instituto Esperança de Ensino Superior (IESPES). E-mail:
psi.yanwpena@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como tema as consequências psicológicas da tentativa de apagamento social da bissexualidade. Sendo possível pensar que, embora os movimentos de gênero e sexualidade tenham se expandido ao longo dos últimos anos, o corpo bissexual ainda é questionado direta e indiretamente acerca do desempenho de seu papel na cena social, sobretudo a partir das normas de gênero ainda arraigadas culturalmente (LEWIS, 2012). Assim, o fator patriarcal é uma nuance destas consequências, sendo evidenciado como “[...] o regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens.”, isto é, a dominação da categoria feminina pela masculina (SAFFIOTI, 2015, p. 47).

Considerando a preponderância patriarcal, visualiza-se assim sua influência na cultura, no capitalismo, na religião, na cidadania, e no direito, por exemplo, que, sobretudo, ainda está presente nas mais diversas formas dos dias atuais (ROMEIRO; SILVA; BRISOLA, 2018). Dessa maneira, a justificativa de tal escolha temática relacionada a este sistema serve para possibilitar o destaque às consequências psicológicas por ele causadas, as quais viabilizam preconceitos tanto de gênero quanto, como ressaltado no presente estudo, de orientação sexual ao público de pessoas bissexuais.

Logo, este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que objetivou conhecer as consequências psicológicas causadas pelo patriarcado na deslegitimação da bissexualidade em uma cidade do Oeste do Pará. Pretende ainda elencar, através de revisão da literatura, as características psicológicas do regime patriarcal; definir o conceito de orientação bissexual; apontar o funcionamento da sexualidade na sociedade por um prisma patriarcal; e entender a deslegitimação da bissexualidade pelo patriarcado.

1. Materiais e Métodos

A presente pesquisa é de caráter explicativo e exploratório. Segundo Cajueiro (2015), a pesquisa explicativa pretende identificar fatos que contribuem para determinado acontecimento que se tem como objetivo estudar. Também foi exploratório pois, conforme Gil (2016), houve a necessidade de pesquisas bibliográficas com interesse em pautar um problema por meio da sua explicitação, deixando margens para hipóteses. Os procedimentos técnicos são de Medeiros (2014), em que se busca, através do levantamento de livros, obras e revistas de relevante interesse para a pesquisa, nortear o estudo de campo.

Já na pesquisa de campo, como o objeto foi abordado em seu próprio meio ambiente, a coleta dos dados foi realizada nas condições naturais em que os fenômenos ocorreram, diretamente observados e sem intervenção por parte de pesquisadores (SEVERINO, 2017). Utilizou-se abordagem qualitativa de Gunther (2014), caracterizada como um ato subjetivo de construção e também uma ciência baseada em textos nas diversas técnicas analíticas, que são interpretados hermeneuticamente; e também a quantitativa de Creswell (2021), por ser responsável por procurar testar teorias objetivas, relacionadas à aplicação de instrumentos que possam ser medidos numericamente e analisados com procedimentos estatísticos.

Buscando ampliar a visão acerca da informação recebida, e tentando compreender as significações por trás destas, utilizou-se a análise de conteúdo de Bardin. Portanto, seguiu-se etapas como a pré-análise, feita com o armazenamento das respostas do questionário na ferramenta *Google Drive*; logo após, houve a exploração do material, feita pelos pesquisadores em conjunta interação

da leitura; em seguida, selecionou-se comentários de uma natureza semelhante para interligá-los por terminologias construídas pelos autores, baseadas no referencial teórico da pesquisa. Sendo assim, foi possível inferir recortes de falas e seus termos representativos, assim como a quantidade de vezes de suas aparições (BARDIN, 2016).

Acerca do público, esta pesquisa foi realizada com homens/mulheres cisgênero, homens/mulheres transgênero e não-binários, bissexuais, na faixa-etária de 18 a 60 anos que residem em uma cidade do Oeste do Pará, onde aplicou-se um questionário elaborado eletronicamente, divulgado via internet pelas redes. Esteve ainda sob respaldo das Resoluções N° 466/2012 e 566/2016, do Conselho Nacional de Saúde. Contudo, a participação foi voluntária, com a prévia apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, com a informação de que não haveria nenhum benefício financeiro pela participação e enfatizando anonimato dos participantes. O número do parecer desta pesquisa foi: 4.915.675.

O período de aplicação deste estudo se deu do dia 06 a 22 do mês de setembro de 2021. O questionário foi aplicado pela plataforma *Google Forms*. Inicialmente, se tinha um parâmetro 100 participantes para participação nesta pesquisa. Ao decorrer do período mencionado, notou-se que uma boa quantidade de respostas já atingia um resultado adequado para a avaliação destes, obtendo um total de 69 respostas válidas. Evidenciou-se ainda que uma parcela de 6,8% das pessoas, que responderam ao questionário, não entrava no critério de inclusão de localidade, deixando, portanto, de serem evidenciadas neste estudo.

2. Resultados e Discussões

2.1. Bases teóricas

2.1.1. O Emprego do Patriarcado na Sociedade e Suas Nuances Subjacentes

Para Lerner (2020), a história das épocas contadas são frutos de interpretações de historiadores homens, em que, muitas vezes, o papel de diversos seres humanos importantes, que determinavam um fator imprescindível no contexto das sociedades, foram banalizados. Salienta-se, com isso, que o patriarcado tudo tem a ver com a concepção de machismo. Castañeda (2006, p. 16) reflete que o machismo envolve “[...] um conjunto de crenças, atitudes e condutas...”, e completa dizendo que são estes sentidos que constroem uma diferenciação polarizada entre os gêneros masculino e feminino, e simultaneamente elabora um valor de superioridade do homem.

Através destes postulados, Cortes et al. (2015) entendem que, por mais que se tenha alcançado conquistas quanto às desigualdades de gênero e direitos à diversidade, ainda existe a visualização do homem como responsável geral e detentor de poder. Enquanto isso, Garcia (2018) oferece a visão de que existe uma constante elaboração da mulher, por mais que esta trabalhe fora de casa, como delegada principal de cuidados domésticos e dos filhos. Castañeda (2006), assim como Morgante e Nader (2014), afirmam não ser conveniente dizer que nas formas mais sutis, costumes, gestos e palavras de uso diários, por exemplo, o machismo não está presente psicossocioculturalmente.

Para tanto, Castañeda (2006) adianta que estas estruturas são esparsas, contém uma constelação de valores e padrões, onde há um pretensioso pensamento de dominação, rivalidade, conquistas sexuais/profissionais, dualidade entre virilidade e feminilidade. Por isso, foi possível pensar a constituição dos gêneros como uma condição para se estabelecer na comunidade, pois, como

aponta Frazão e Fukumitsu (2016), cada experiência é única, mas se dá a partir de seu campo, dotado de relações e estruturas que circundam a esfera de suas perspectivas, embora nenhum ser seja semelhante física e psicologicamente ao outro.

2.1.2. A Sexualidade e o Heterossexismo

A sexualidade é parte fundamental da vida humana e sempre foi uma experiência integrante da sociabilidade entre homens e mulheres. Embora a compreensão da sexualidade implique o reconhecimento do fator biológico inerente aos seres humanos, é nos fatores sociais que se deve compreender a forma pela qual homens e mulheres vivenciam sua sexualidade (LEWIS, 2012). Dessa forma, a sexualidade pode ser compreendida pela forma como cada sociedade se organiza e se estrutura.

E o regime patriarcal, no qual vivemos – na forma de heterossexismo –, atua engessando as fronteiras que foram definidas como papéis impostos aos homens e mulheres. Valendo-se de uma pretensa determinação natural que extrapola o mero controle da sexualidade. Ele é voraz, insano, e atua para organizar o conjunto das relações sociais, prescrevendo os modos de ser homem e de ser mulher necessários para a preservação das relações patriarcais de gênero (ALVES, 2017).

Portanto, a partir dessa lógica binária de dominação patriarcal, as orientações não-heterossexuais continuam ainda a serem vistas socialmente com alguma hostilidade e ridicularização. Assim, a homofobia, a lesbofobia e a bifobia manifestam-se como um medo irracional e um conjunto de sentimentos negativos em relação a pessoas homossexuais, lésbicas ou bissexuais. Estas atitudes se exteriorizam sob a forma de desprezo, desconforto, antipatia e aversão que, por sua vez, geram o preconceito e a hostilidade para com estes grupos de pessoas (SÁ; NEVES; OLIVEIRA, 2012).

2.1.3. A Bissexualidade e Sua Implicação na Sociedade Patriarcal

Buscando definir o conceito de orientação bissexual, foi possível compreender que esta orientação sexual é tida como aquela em que a pessoa sente atração por mais de um gênero (LEWIS, 2012). Porém, em meio aos estudos, a bissexualidade é vista além dessa fronteira, na qual Moreira et al. (2021) caracterizam como potência da identidade política chamada sexualidade, uma vez que rompe com o binarismo da sociedade e sendo compreendida como potencial de qualquer tipo de envolvimento, seja ele emocional, romântico ou sexual.

Diante disso, a tentativa de “negação” da bissexualidade enquanto orientação sexual ganha proporções maiores. Dessa forma, pode-se perceber o monossexismo, definido por Eisner (2013) como uma estrutura social que entende todas as pessoas como monossexuais, sendo uma ferramenta que anula tudo que não é monossexual (bissexualidades, pansexualidades, polisssexualidades e sexualidades fluídas) (JEAGER et al., 2019). Por conseguinte, é necessário pensar a deslegitimação como reflexo do poder, devido ao incômodo gerado numa sociedade patriarcal e sexista, como descreve Foucault (1988, p. 41):

[...] O que significa o surgimento de todas essas sexualidades periféricas? O fato de poderem aparecer à luz do dia será o sinal de que a regra perde em rigor? Ou será que o fato de atraírem tanta atenção prova a existência de um

regime mais severo e a preocupação de exercer-se sobre elas um controle direto?
Em termos de repressão as coisas são ambíguas [...] (FOUCAULT, 1988, p. 41)

Conseqüentemente, entende-se a deslegitimação como a incapacidade de enxergar no outro a subjetividade que possui, construindo, assim, uma relação de apagamento. Violência esta que afeta o jeito de ser em todas as experiências que pessoas bissexuais experienciam, podendo ser percebidas no cotidiano das mais diversas formas, elaborando aspectos constituintes da bifobia (MOREIRA et al., 2021).

2.2. Dados Empíricos da Pesquisa

2.2.1 A Deslegitimação da Bissexualidade Causada pelo Patriarcado

Este tópico apresentará os dados resultantes da pesquisa de campo. Os resultados aqui apresentados são compostos por números e porcentagens advindos do método quantitativo de Creswell (2021), já mencionado anteriormente. Além disso, ressalta-se que os seguintes dados qualitativos foram analisados através da Análise de Conteúdo proposta por Laurence Bardin, conforme sessão de materiais e métodos especificados no presente trabalho.

Participaram da pesquisa: mulheres cisgênero (73,5%) e homem cisgênero (13,3%). Importante dado a se ressaltar foi a baixa adesão de participantes trans e não-binários, sendo apenas 1 homem trans (1,4%) e 2 não-binários (2,7%). Se tratando de faixa etária, cerca de 78,3 % dos participantes correspondem a pessoas entre 18 a 25 anos. Em contraponto, houve uma participação ínfima de pessoas na faixa de 35 a 43 anos e 44 a 52 anos – cerca de 1,4%.

Em seguida, os participantes da pesquisa foram questionados com a seguinte pergunta: *Você acredita que a bissexualidade (orientação sexual em que há atração sexual por mais de um gênero) é uma orientação sexual anulada?* Notou-se que parte relevante dos participantes acreditam que a orientação bissexual é anulada no cotidiano, pois 78,30% responderam que sim quanto a esse fator. Este dado corrobora com o que Lewis (2012) escreve sobre a comunidade bissexual sofrer com táticas de desnaturalização, ou seja, a produção intencional de uma identidade inacreditável. Em contrapartida, 7,20% de participantes responderam que não quanto à pergunta supracitada, e 14,50% responderam que talvez existisse a tentativa de apagamento da bissexualidade.

Por outro lado, outra pergunta foi: *Para você, a deslegitimação da bissexualidade pode ser influência do patriarcado (regime em que há uma dominação do homem sobre a mulher e sociedade em geral) existente em nossa sociedade?* Nesse ponto, houve uma maior identificação do fator de deslegitimação bissexual, quando se interligou tal fator ao regime patriarcal, apontado pelos participantes com 91,30% de confirmação dessa circunstância na sociedade, e uma diminuição para 1,40% das respostas para não, e 7,20% para talvez.

Portanto, quando o questionário se referiu à questão de deslegitimação pelas nuances patriarcais, vivenciadas coletivamente, os participantes confirmaram que existe uma contribuição desse regime na invalidação de suas orientações bissexuais. Alves (2017) justifica, com isso, que o patriarcado escracha uma relação violenta de dominação (com hostilidade e ridicularização), a fim de perpetuar a natureza heterossexista, portanto, a origem da bifobia está intrinsecamente ligada a esse regime.

Constatado isso, as falas a seguir foram organizadas em categorias elaboradas pelos pesquisadores, de acordo com as perguntas realizadas no questionário aplicado. Diante disso, nomeou-se

os participantes com as siglas de R1 a R69, seguindo o sigilo e demais colocações éticas das Resoluções de N° 466/2012 e N° 510/2012. Vale ressaltar que nem todas as respostas tiveram recortes que serão descritos neste artigo, em virtude da repetição de conteúdo e a necessidade de trazer os dados de uma forma mais objetiva e concisa.

Os termos propostos se basearam nas respostas dos participantes seguido, entre parênteses, da quantidade de vezes em que surgiram. São eles: binarismo (17 vezes); deslegitimação (17 vezes); monossexismo (12 vezes); heterossexualidade compulsória (11 vezes); banalização (8 vezes); fetichização (8 vezes); confusão (7 vezes); promiscuidade (5 vezes); indecisão (4 vezes); e falta de representatividade (2 vezes), como conceitos que atravessam a percepção dos participantes ao pensarem a orientação bissexual nos seus cotidianos.

Para Figueiredo (2018), as diversas sociedades entendem que a racionalidade humana funciona a partir de oposições binárias, o que se aponta na presente pesquisa como binarismo, uma das mais recorrentes formas de deslegitimação da bissexualidade, sendo sua aparição identificada nas falas de muitos participantes. Esse sistema é como um gerador de desigualdades e contínuo no modelo social patriarcal e binário, o que pode ser exemplificado com a fala de R8:

Quando nos relacionamos com um dos gêneros. Por exemplo, quando tenho um relacionamento com um homem, muitas pessoas passam a acreditar que tudo não passou de uma fase. Quando eu começo a namorar com uma mulher, automaticamente eu virei lésbica. O que nunca cogitam é a possibilidade de eu ser bissexual... (R8).

Na mesma medida, pode-se pensar ainda na deslegitimação, em falas como a da pessoa participante R11:

Porque parece que a todo tempo eu tenho que me pôr a prova, me sinto deslocada tanto da comunidade queer quanto do "mundo" hetero. Ouvir que é uma questão de indecisão ou "é só uma fase" é bastante comum. E aí acabo por me sentir não completa. A bifobia faz a gente se sentir incompleto (R11).

Este relato, aponta o que Figueiredo (2018) exclama acerca da bissexualidade ser vista como transição entre o homossexual e o heterossexual, demonstrando como as performances bissexuais causam incômodo no binarismo que constitui a sociedade. Assim, Silveira (2019) complementa ao dizer que todas estas nuances culminam em bifobia.

Também foi possível enxergar tal tentativa de apagamento na presença do monossexismo, em que há uma visão dualística da sexualidade, reforçando o binarismo e a ideia de decisão (ALBERTO, 2018). Para exemplificar a presença da ideia do monossexismo, é admissível ressaltar a fala de R44, quando este participante afirma: “Pela simples tendência de transformar o bissexual em hétero ou homossexual em qualquer discussão.”

Partindo desse ponto, é necessário pensar em um termo chamado heterossexualidade compulsória, também recorrente dentro desta pesquisa, em que Rich (2012) o define como uma certa heterocentricidade, onde tudo se volta ao padrão heterossexual, bastante reforçado em instituições de contexto patriarcal, principalmente onde mulheres são tradicionalmente controladas. Falas que exemplificam este termo pode ser demonstrada na fala de R15:

Sempre parece que precisa existir o "homem da relação" quando estou me relacionando com mulheres. Os comentários que me fazem deixam essa impressão, e comentários de homens (geralmente héteros e cis) que se vêm no direito de falar algo sobre a relação do outro (...) Quando me relaciono com homens, aí sim parece que está tudo certo, que estou dentro dos padrões e conseqüentemente minha bissexualidade é anulada... (R15)

Ou seja, o binarismo na sociedade distorce tudo que não é dual, como no caso da bissexualidade, vista ainda como sinônimo de infidelidade, traição, promiscuidade, tornando essa orientação banalizada, sem reconhecimento e sem respeito (MONACO, 2020). Com isso, os autores Souza, Silva e Santos (2017) colocam que o ser no mundo é marcado por um papel de violência e discriminação, incluindo as pessoas LGBTQIA+, acabando por exercer um papel de opressor, sendo incapazes de enxergar a diversidade na qual, juntos com bissexuais, fazem parte. Promiscuidade e banalização serão representadas aqui, nas falas de R36 e R57:

Na sociedade em geral, e muitas vezes, dentro da própria comunidade LGBTQIA+, a bissexualidade é considerada como algo promíscuo e de "pessoas do mundo" (...) já vi muitas pessoas dizerem que não existe isso de gostar de mais de um gênero, ou você gosta de homem ou de mulher, os dois nunca... (R36)

[...] Já fui chamada de promíscua ao dizer que sou bissexual. Já vi amigas que são bissexuais ao namorarem meninos são liberadas de ficar com mulheres mas nunca com homens, pois os namorados delas não viam uma relação com uma mulher algo preocupante pois era visto como "brincadeira" e nunca traição. As meninas sentiam com suas sexualidades invalidadas. (R57)

Klidzio (2019) contribui com uma percepção da banalização da bissexualidade quando comparada ao fetichismo, principalmente de corpos femininos. Nesse sentido, a autora coloca o machismo como peça principal para que a fetichização ocorra, onde fantasias são construídas para suprir os desejos masculinos, sendo mais aceitável, comparado ao corpo masculino bissexual. A autora continua citando que outra forma de violentar esses corpos é observada pelo olhar da promiscuidade, em que pessoas bissexuais são consideradas "pontes do HIV", fazendo com que muitas pessoas tenham receio de se relacionar com bissexuais. Sobre tal fetichização, podemos incluir a fala de R30, escancarando que "Geralmente sou taxada como indecisa, ou uma pessoa que só tem o chamado "fogo", minha orientação sexual é piada."

De tal forma, se tornou ainda perceptível a segregação de bissexuais existente na sociedade, refletida nas relações sociais e implicando na aceitação do outro, de forma que Monaco (2020) pensa na ideia de que a falta de representatividade desse público se dá por não se pertencerem ao que se encaixa como hétero/homossexual que perdura na sexualidade moderna. Haja vista, a pessoa participante do presente estudo, R2, explica de forma bem clara esse fenômeno: "Por muito tempo não consegui compreender o que eu de fato era por não enxergar em local algum e quando entendi aparentava que não era algo levado a sério pelos demais."

Por conseqüência, Klidzio (2019) aborda que estas pessoas são vistas como indecisas e confusas, não importando em que fase da vida estejam, sempre é procurada alguma forma de apagar a bissexualidade de alguém, de um jeito violento, seja em palavras ou atitudes. As falas de R35 e R68, apresentam exemplos de como esse fenômeno pode acontecer em suas vivências.

As pessoas têm uma grande necessidade de interferir em nossa sexualidade, para eles estamos confusas, ainda estamos em transição pra escolher nossa sexualidade ou devemos ficar com 50% homens e 50% mulheres. (R35)

Em diversas situações, principalmente quando conto para as pessoas que sou bissexual e ouço respostas como: “Não é não, você é hétero porque só namorou com homem”; “Você não acha que isso é só uma fase?”; “Eu jamais namoraria com alguém bissexual, porque são pessoas indecisas e podem trair facilmente”. (R68)

Tendo em vista estas colocações, o questionário desta pesquisa buscou saber ainda quais consequências psicológicas podem surgir a partir da influência do patriarcado sobre a bissexualidade, na visão dos participantes. Assim, através das respostas obtidas, foram observados e listados os seguintes termos e a devida quantidade de vezes em que surgiram: conflito de identidade (33 vezes); ansiedade (15 vezes); medo (14 vezes); repressão de sentimentos (13 vezes); dificuldade de aceitação (12 vezes); exclusão social (12 vezes); depressão (11 vezes); insegurança (9 vezes); carga mental (8 vezes); baixa autoestima (6 vezes); vergonha (5 vezes); pressão (5 vezes); dor (4 vezes); revolta (4 vezes); frustração (2 vezes); e suicídio/ideação suicida (1 vez).

Foi possível verificar que conflito de identidade é um dado muito presente neste estudo, pela quantidade de vezes enumerado como uma consequência psicológica desse regime patriarcal. A fala de R20 exemplifica acerca de como esse conflito ocorre:

[...] às vezes demora tempo, que foi o meu caso, mesmo me envolvendo com uma pessoa do mesmo sexo, pensei que eu só podia ser lésbica, mas ficava confusa por que também sentia atração por homens e vinha na mente o que falam "é só uma fase?", mas não era fase e não é errado eu sentir atração pelos dois, eu sou bissexual e só soube disse com os 23 anos ou mais. (R20)

Nesse sentido, Saft (2020) informa que são diversas as maneiras de deslegitimar alguém, sendo estas normas patriarcais uma delas. O autor mostra ainda, com sua experiência clínica com a população LGBTQIA+, que o isolamento social revelou que o lugar destas identidades serem exploradas muitas vezes não é em casa, mas sim nas ruas, onde podem ter mais liberdade de expressão.

Outro resultado levantado neste estudo é o medo. Calmon (2019) aponta em sua pesquisa com pessoas bissexuais e suas gráficas emocionais que, a partir do que os entrevistados relatam, é possível verificar uma problemática quanto a tornar sua orientação algo público, mesmo para aqueles com quem irão se relacionar, pois existem receios de não aceitação da possibilidade dessa revelação. E, com isso, é possível citar a fala do participante R20, explicando que “[...] cria em nós o medo do preconceito, e com isso sermos agredidos ou algo pior...”.

Cabe um adendo aqui, em que Butler (2018) formula o patriarcado como reprodutor e formador de repressões, e conforme isso se baseia, sobretudo, em questões biológicas do ser. Soares e Muniz (2020) entendem que causas LGBTQIA+, portanto, bissexuais também, que escapam a esta concepção, estão sujeitas à repressão de sentimentos, exclusão social e demais marginalidades e violências. O que, dentro das colocações de resultados deste artigo, se apoiam com os recortes de comentários de R5 e R17: “Reprimindo sentimentos e vontades gerando infelicidade, apatia, euforia às vezes” (R5); “Ser anulado pode criar um sentimento de não pertencer...” (R17).

Em conformidade com isso, Silveira et al. (2018) afirmam que ao exigir de bissexuais que sigam a regra monossexista, se desconhece que os integrantes destes grupos buscam construir a sua própria identidade. Neste cenário conflituoso, surgem as dificuldades de aceitação sobre o seu próprio ser, como sujeito dotado de potencialidades. Já Saft (2020) expõe que essa repressão provoca outro sentimento: o de vergonha. Que funciona como um mecanismo de defesa para essas pessoas que não se sentem seguras em ambientes que costumam ser hostis. No presente artigo, a fala de R56 exemplifica tal circunstância: “[...] vergonha de assumir ser Bi e se anular perante uma sociedade que impõe o lugar em que homens e mulheres devem seguir...”.

Analogicamente, a insegurança é apontada neste estudo, por exemplo, através da fala de R51: “[...] Inseguranças emocionais, falta de habilidades sexuais... dificuldade de falar sobre sua sexualidade.”. Alves e Lopes (2015) apontam esse termo como fator que por si só pode apresentar consequências à funcionalidade do indivíduo. Nisto, Castañeda (2006) insiste que essa pressão quanto às sexualidades já se instalam na sociedade de diversas formas subliminares, portanto, se configurando também na falta de liberdade de expressão.

Outras consequências podem surgir atreladas a psicopatologias, como ansiedade e depressão, apontadas em R33: “Por experiência própria fui diagnosticada com depressão e transtorno de ansiedade aos 16 anos que foi quando eu me assumi bi mas achava errado e sofri muito até entender que o problema não era eu.”. Borralha e Pascoal (2015) discorrem que a discriminação e o neuroticismo são variáveis para a diminuição da saúde física e mental de pessoas LGBTQIA+. Por isso, carga mental e revolta também são dados que aparecem no presente estudo, com exemplo na fala de R14: “Adoecimento mental, insegurança, medo, isolamento, revolta...”.

Considerando o recorte de R63, afirmando que a influência do patriarcado “[...] pode causar distúrbios e transtornos psicológicos, levando a principalmente quadros depressivos e ansióginos, que podem se tornar em ideações suicidas.”, se considerou, neste artigo, o suicídio como uma possibilidade dessa deslegitimação bissexual, pois, de acordo com Cruz et al. (2020), os valores que as pessoas atribuem à sua vida muitas vezes estão relacionados aos da sociedade em que vivem, pois cada experiência humana deixa marcas profundas na existência do ser. Durkheim (2000, p. 311) acrescenta: “qualquer ser vivo só pode ser feliz ou até só pode viver se suas necessidades têm uma relação suficiente com seus meios”.

Nesse sentido, é válido pensar no processo de dor por meio do que R13 pontua:

A estrutura do patriarcado afeta a todes, e cada um ter um olhar para si a ponto de identificar sua sexualidade leva muito tempo, e um desses empecilhos é o patriarcado, com os padrões, a norma "correta" de relações humanas. E isso carrega muita dor, cada um tem seu processo diferente de muita dúvida, insegura e rejeição por viver em um sistema cruel. (R13)

Para tanto, Silva e Barbosa (2016) afirmam que a invisibilização da sexualidade é uma forma de se proteger, um caminho mais fácil para se resguardar dos ataques de uma sociedade heterossexista. Os autores continuam esclarecendo que esse movimento de se esconder não diz respeito somente à ordem pessoal, mas do aglomerado de fenômenos sociais que geram angústias, sofrimentos e marginalização.

Através dessas ideias, a frustração também foi relatada pela fala de R48: “[...] eu já senti e ainda sinto frustração, medo e até vergonha de falar sobre minha sexualidade até pras pessoas que mais se

mostram ou dizem ser mente aberta.”. Assim, este fator é evidenciado por Nunes (2005) no quanto a sociedade repete ciclos de estruturas machistas e opressoras. O autor ainda complementa dizendo ser importante educar o ser como sujeito de si, possuindo a capacidade de auto-reconhecimento e responsabilidade de sua própria existência, que muitas vezes experiencia pelo ideal do outro.

Por conseguinte, a fala de R48 denuncia o sentimento de dificuldade de aceitação quando diz “[...] Eu preciso me validar através dos outros para validar a mim mesma...”. Sendo assim, é possível citar Saft (2020), acrescentando que grande parte da comunidade LGBTQIA+ é coagida (ainda que indiretamente) a uma auto-segregação – pela dificuldade em se relacionar com os heterossexuais. Acabam então buscando um espaço mais acolhedor, que às vezes podem ter dificuldade para encontrar ou até mesmo não conseguir localizar esse acolhimento.

Diante dessa hostilidade da sociedade para com pessoas bissexuais, a baixa autoestima e a pressão também podem vir a ser uma das consequências psicológicas mais comuns, apontadas nas falas exemplificadoras de R20 e R23: “[...] gera baixa autoestima e o sentimento de sermos errados e nunca sermos suficiente.” (R20); “Confusão a respeito de si e dos seus sentimentos, necessidade de adequação e de justificavas constantes a respeito de si.” (R23).

Acerca destas nuances citadas no parágrafo acima, Fedeger et al. (2021) contribuem explicando que essa condição de vulnerabilidade está interligada com o um grande potencial de adoecimento e a suscetibilidade a agravos, seja no contexto individual e/ou no coletivo. No entanto, os autores completam ainda informando que, no contexto em que a saúde mental está fragilizada, o fator biopsicossocial inevitavelmente será afetado, ou seja, a maneira como a pessoa irá reagir a situações diárias e conciliar desejos, capacidades, ambições, ideias e emoções, por exemplo, também potencializará o seu processo de vulnerabilidades sofridas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O patriarcado possui uma amplitude de relações com as características machistas, e as normas que o constituem estão socialmente empregadas há muito tempo. Embora haja uma grande discussão, tanto teórica quanto no senso comum, de que esses valores já estão ultrapassados, as nuances ainda se envolvem nas mais diversas formas sociais, políticas e institucionais no cotidiano das pessoas. Tudo isso gera uma consequência que se insere até mesmo nas formas como as sexualidades se constituem, sendo, portanto, um fator que também implica nas vivências da população bissexual.

Em virtude disso, foi constatado, através dos resultados do questionário aplicado, o quanto os participantes veem suas formas de orientações anuladas socialmente. Este fator se torna ainda mais relevante quando, durante a análise destes dados, ainda se sente uma carência no que tange a conteúdos científicos e/ou na literatura voltado especificamente ao público bissexual. Acredita-se que a apresentação das vivências aqui implicadas, para gerar o corpo deste texto, não é mera coincidência para que futuras publicações se atentem a tornar visível a participação dessa população na sociedade, que também está localizada na sigla LGBTQIA+.

Além disso, as próprias respostas dos participantes acerca da deslegitimação da bissexualidade adentraram nas margens do regime patriarcal. Mais adiante, quando relacionado os fatores de tentativa de apagamento com a influência desse sistema do patriarcado, no apontamento de consequências psicológicas, dados inesperados com os que já se havia encontrado na literatura alertaram o quanto o papel desempenhado pela sociedade ainda colabora para reafirmar a deslegitimação

dessas orientações bissexuais, isto é, destas vidas, que resistem, mesmo diante de ameaças que muitas vezes estão bem próximas.

Em síntese, a partir da organização dos dados expostos e das discussões teóricas acerca das consequências psicológicas causadas pelo patriarcado na tentativa de “negação” da bissexualidade, é possível pensar na constituição destes corpos e de suas integridades para fomentar um trabalho mais ético e humanitário. Todas estas colocações põem em evidência o papel que a Psicologia deve exercer em prol desta população. E, para além de evidenciar, convida os/as/es profissionais desta área do conhecimento para pensar e incluir possibilidades de desconstruir normas enrijecidas que deslegitimam a existência da comunidade Bissexual.

REFERÊNCIAS

- ADAID, Felipe. Uma discussão sobre o falocentrismo e a homofobia. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 27, n. 1, 2016.
- ALBERTO, Joana Almoater. *Bissexualidade: crenças e opiniões*. Évora, 2018.
- ALVES, Ariana Oliveira; LOPES, Laís. *Práticas identitárias e sexuais dissidentes: o “dispositivo do armário” na perspectiva do tratamento social da bissexualidade*. Universidade Federal da Bahia: 2015.
- _____. *Hegemonia heterossexista, lutas antipatriarcais e partido político: introdução ao debate teórico*. Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora: 2017.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 1ª. ed. Lisboa: Edições70, 2016.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Editora José Olympio, 2018.
- CAJUEIRO, Roberta Liana Pimentel. *Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos: guia prático do estudante*. 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- CALMON, Diego Sousa Schiavo. Bissexualidade e gramáticas emocionais em relatos de jovens universitários no Rio de Janeiro. *Cadernos de Campo (São Paulo-1991)*, v. 28, n. 2, p. 282-305, 2019.
- CASTAÑEDA, Marina. *O Machismo Invisível*. Tradução: Christina de Malimpensa. São Paulo: Ed. Girafa, 2006.
- CORTES, Janaina, et al. A educação machista e seu reflexo como forma de violência institucional. *SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO NO MERCOSUL*, XVII, 2015.
- COSTA, Marco Antônio F; COSTA, Maria de Fátima B. *Projeto de Pesquisa: entenda e faça*. 6ª ed. Editora Vozes, Petrópolis, 2015.
- CRESWELL, John W.; CRESWELL, J. David. *Projeto de pesquisa-: Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Penso Editora, 2021.

- CRUZ, Carolina Alves et al. O suicídio na perspectiva das psicologias humanista, fenomenológica e existencial. *Contextos Clínicos*, v. 13, n. 1, p. 293-315, 2020.
- DA BORRALHA, Sérgio; PASCOAL, Patrícia M. GAYS, LÉSBICAS E SAÚDE MENTAL Uma revisão sistemática da literatura. *NOTA INTRODUTÓRIA FICHA TÉCNICA*, p. 43.
- DURKHEIM, Èmile. *O suicídio: estudo de sociologia*. 1ª edição. São Paulo. Martins Fontes. 2000.
- EISNER, Shiri. *Bi: Notes for a bisexual revolution*. Berkeley: Seal, 2013.
- FEDEGER, Andréa Maria et al. *A vulnerabilidade e o desempenho ocupacional de adolescentes vítimas de LGB-Tfobia no Brasil*. 2021
- FIGUEIREDO, Regina. Diversidade sexual: confrontando a sexualidade binária. *Boletim do Instituto de Saúde*. vol. 19, n. 2 – dez. 2018
- FOUCAULT, Michael. *História da sexualidade I: A vontade de saber, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.
- FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. *Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia*. Summus Editorial, 2016.
- GARCIA, Carla Cristina. *Breve história do feminismo*. Claridade, 2018.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed. São Paulo: atlas, 2016.
- GUNTHER, Hartmut. JÚNIOR, Jair Lopes. Perguntas abertas versus perguntas fechadas: uma comparação empírica. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, V. 6, Nº 2, pp. 203-213. 2014.
- JEAGER, Melissa Bittencuort, et al. Bissexualidade, bifobia e monossexismo: problematizando enquadramentos. *Periódicus*. n.11, v.12 mai.-out. 2019.
- KLIDZIO, Danieli. “Será que realmente existe isso?”: reflexões acerca da bissexualidade e da panssexualidade femininas. Santa Maria, 2019.
- KRIPKA, Rosana; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa Lara. Pesquisa Documental: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa. *CLAIQ2015*, v. 2, 2015.
- LERNER, G. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. Editora Cultrix, 2020.
- LEWIS, Elizabeth S. Eu quero meu direito como bissexual: a marginalização discursiva da diversidade sexual dentro do movimento lgbt e propostas para fomentar a sua aceitação. *Anais do III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade*, III, Campinas, 2012.
- MARTINS, Elisabete Pereira et al. Violência doméstica psicológica. *Revista Terceiro Setor & Gestão-UNG-Ser*, v. 7, n. 1, p. 41-47, 2013
- MEDEIROS, João Bosco. *Redação Científica: A prática de fichamentos, resumos, resenhas*. 12 ed. São Paulo: Atlas, 2014.
- MONACO, Helena Motta. “A gente existe!”: ativismo e narrativas bissexuais em um coletivo monodissidente. Florianópolis, 2020.
- MOREIRA, Lisandra Espíndula et al. “Confusão, indecisão e incerteza”: enunciados de bissexualidade na jurisprudência. *Revista Estudos Feministas*, v. 29, 2021., v. 29, n. 2
- MORGANTE, Mirela Marin; NADER, Maria Beatriz. O patriarcado nos estudos feministas: um debate teórico. *Anais do XVI Encontro Regional de História da ANPUH*, 2014.

- 
- NUNES, César Aparecido. *Desvendando a sexualidade*. 7ª edição. Campinas - SP. Papirus. 2005.
- RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 4, n. 05, 27 nov. 2012.
- ROMEIRO, Nathália Lima; SILVA, Franciéle Carneiro Garnês; BRISOLA, Anna Cristina Caldeira de Andrada Sobral. A página arrumando letras como um espaço para a desconstrução da dominação do patriarcado. RDBCI: *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, v. 16, n. 3, p. 317-337, 2018.
- SÁ, Francisco Luís Baptista de; NEVES, Sofia; OLIVEIRA, Carlos André Nogueira. Amor Parental (In)Condicional: Estudo sobre a Influência da percepção da Aceitação/Rejeição Parental em Homossexuais Lésbicas e Bissexuais. *Coming-out for LGBT*, v. 2, n. 2, p. 89-97, 2012.
- SAFFIOTTI, Heleieth. *Gênero, Patriarcado e Violência*. 2ª ed. São Paulo: Perseu Abramo, 2015.
- SAFT, Fabiano. *A relação com a casa e a comunidade LGBTQIA+ no isolamento social*. 2020.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. Cortez editora, 2017.
- SILVA, Laionel Vieira; BARBOSA, Bruno Rafael Silva Nogueira. *Estudos de Religião*, v. 30, n. 3 129-154 set.-dez. 2016. ISSN Impresso: 0103-801X – Eletrônico: 2176-1078
- SILVEIRA, Andielli. *O “B” não é para bonito: uma análise das representações midiáticas da bissexualidade feminina em Orange is the new black*. Porto Alegre, 2019.
- SILVEIRA, Maria Leão de Aquino et al. *Os unicórnios no fim do arco-íris: bissexualidade feminina, identidades e política no Seminário Nacional de Lésbicas e Mulheres Bissexuais*. 2018.
- SOARES, Ana Caroline Matos; MUNIZ, Julia Maria. Violência contra a comunidade LGBTQI+: uma resultante do patriarcado e expressão da questão social. *Brazilian Journal of Development*, v. 6, n. 12, p. 99476-99483, 2020.
- SOUZA, Elaine de Jesus; SILVA, Joilson Pereira; SANTOS Claudiene. Diversidade sexual e homofobia: revendo (pre)conceitos. *Teorias e estudos em psicologia social: a contemporaneidade em temas clássicos*. São Cristóvão: Editora UFS, 2017.

